

Uma vista do Douro. — Desenho de Nogueira da Silva. — Gravura de Flora.

O commentario á formosa estampa que apresentâmos é ella mesma; poucas palavras, portanto, lhe havemos de consagrar.

Aquillo é uma vista do Douro, tomada do pittoresco logar do Freixo. Lá em baixo váe o rio, calmo e silencioso; ao fundo ostenta o convento da serra do Pilar as suas muralhas derrocadas. Quantas recordações gloriosas da guerra não diz aquelle edificio, hoje desmantelado e carrancudo, e antigamente deliciosa habitação dos seus frades! Todos os que viram o Porto conhecem esse convento; todos os que o não viram respeitam n'elle o veterano da liberdade.

As duas figuras que occupam o primeiro plano do desenho são as de duas mulheres de pescadores, que anceiam pela volta de seus maridos; uma d'ellas dorme á sombra da latada; a outra observa talvez com interesse a manobra de algum dos barcos que ao longe se vêem andar vagamente.

Este desenho é cópia de um quadro de J. Holland, pintor inglez, a quem a peninsula teve a honra de inspirar algumas boas composições.

FRANCISCO XAVIER MONTEIRO DE BARROS.

XII.

Constituido o congresso, tratou (como o requeria a ordem dos trabalhos) da nomeação das suas commissões; e para logo se manifestaram as primeiras provas do avantajado conceito em que Xavier Monteiro era tido pelos novos collegas. Não menos que para tres d'ellas ficou simultaneamente eleito, obtendo 72 votos para a de Commercio, 49 para a de Fazenda, e 33 para a de Instrucção publica. No correr da legislatura foi ainda escolhido para as de reforma da marinha e do estado-maior do exercito, e para outras, que circunstancias eventuaes tornaram necessarias em negocios mui diversos.

E supposto que elle estivesse bem longe de poder dizer-se praticamente versado em taes especialidades, todavia do estudo a que se dava com afinco, soccorrido pelo seu talento perspicaz, memoria facil, e exposição clara, tirava sobrados recursos para entrar com superioridade nas questões, podendo-se affirmar que nenhuma se ventilou de importancia, em que elle não tomasse parte, encarando-as por todas as suas faces, e attingindo todas as suas relações.

Poucos deputados o egualaram, e menos o excederam em assiduidade nos trabalhos, aos quaes só deixou de comparecer rarissimas vezes, e com causas mui justificadas. Constante zelador da economia de tempo, foi elle que ponderou que cada hora de sessão das cortes custava á nação 120$000 rs., deduzindo d'ahi a necessidade de o não desperdiçar inutilmente. Jámais deslizou com o proprio exemplo da doutrina que estabeleceu. Seus discursos, sempre nervosos e concisos, distinguiam-se pela exactidão dos raciocinios, e eram mais abundantes de idéas, que de palavras, sacrificando muitas vezes áquella necessidade a pomposa ostentação, que facilmente poderia fazer dos seus dotes oratorios.

Um dos mais notaveis que proferiu foi aquelle em que, ao discutirem-se as bases da constituição, combateu com fortissimos argumentos as exigencias do veto absoluto, e das duas camaras; sustentando que nada havia mais nocivo á liberdade dos portuguezes, nem mais opposto á letra e espirito das procurações e juramento dos deputados.

Tambem na questão do conselho d'estado se declarou com energicas razões contra a existencia d'esta entidade, que taxou de inutil e prejudicial, além de dispendiosa: votando por ultimo que, no caso de adoptar-se, fosse ao menos nomeado pelas cortes, e não proposto, como outros pretendiam, e como a final se venceu pela maioria de um voto!

Sustentou com egual habilidade e vigor a conveniencia da creação dos jurados e da sua intervenção, tanto nas causas crimes, como nas de liberdade de imprensa; manifestando-se por essa occasião perfeitamente sabedor da historia e theoria d'esta instituição nas differentes nações, antigas e modernas, que a perfilharam.

Mostrou-se decidido adversario dos emprestimos, porque, dizia elle: « Novos emprestimos trazem necessariamente comsigo novos tributos, e seguidamente a ruina das nações que os negocêam, mórmente com estrangeiros, quando ellas se acham no estado de miseria e de morte, em que vemos Portugal. »

Foi um dos que mais pugnaram pela creação do Banco de Lisboa, e talvez á sua cooperação se deveu principalmente a lei de 31 de dezembro de 1821, que deu o ser áquelle estabelecimento. Muitas outras providencias, tomadas pelo mesmo tempo a bem do credito nacional, foram tambem obra sua, ou obtiveram d'elle a mais efficaz coadjuvação.

Sempre que nas cortes se trataram os negocios do Brasil e as questões da independencia, as suas opiniões foram francas, e eminentemente liberaes. Os discursos, que pronunciou nas sessões de 22 de março e 1.° de julho de 1822, bastariam para acredital-o por grande orador, e abonam a sua intelligencia e tacto politico.

Em uma palavra, e não julgo que seja por demais o repetil-o, todas as doutrinas politicas, economicas e administrativas avaliadas n'aquella epocha (se com razão, ou sem ella, não é aqui logar de o tratar) por mais conformes á verdadeira indole do governo representativo, e intimamente ligadas á liberdade e ventura da patria, acharam do seu lado Xavier Monteiro, e tiveram n'elle um dos seus mais corajosos e illustrados defensores. Mostrou-se inimigo irreconciliavel dos privilegios, e não poucas vezes advogou a causa dos fracos contra os poderosos.

XIII.

Não é, pois, de admirar que, com taes qualidades, grangeasse o respeito e estima dos collegas, e não só justificasse a escolha de seus constituintes, mas adquirisse novos titulos á sua plena confiança. Aquelles, ao encerrar das cortes, o nomearam membro da deputação permanente, que a constituição sabiamente estabelecêra, com o fim de velar por sua guarda e observancia no intervallo das sessões legislativas. Estes, immediatamente o reelegeram como seu representante ás cortes ordinarias pelo circulo de Lisboa, onde foi votado em quarto logar, e com uma immensa maioria.

Pouco depois, tratou-se de ensaiar na capital a organisação da guarda civica, decretada pelas novas cortes. Monteiro foi dos primeiros a alistar-se n'esta milicia; e nas eleições a que se procedeu para compor a officialidade, recebeu mais uma prova do apreço em que o tinham seus concidadãos, sendo eleito por elles capitão da companhia do seu districto, que fazia parte do batalhão denominado do « Largo da Estrella. »

Breve e attribulada foi, sem duvida, a existencia das cortes ordinarias, empenhadas principalmente na salvação das nascentes instituições, que inimigos internos e externos pretendiam subverter a todo o custo. De dia para dia se mostrava mais anuviado e tenebroso o horisonte do futuro, e não podia occultar-se aos olhos perspicazes o perigo que corria a causa da liberdade, á vista de tantos e tão poderosos elementos, que contra ella se conjuravam. Comtudo, pede a verdade que se diga: se alguns deputados pareceram fraquejar n'este ultimo periodo, como que succumbindo anticipadamente á tempestade que viam sobranceira, o maior numero, e com elle Xavier Monteiro, souberam conservar-se imperturbaveis, e permaneceram impavidos e resolutos cumprindo a sua missão até á ultima extremidade, como o requeriam a propria honra, e o mandato que haviam acceitado.

Algum houve, que n'esse tempo quiz descobrir em Monteiro certa desegualdade de caracter, accusando-o de nimio-condescendente em prestar-se a fazer o papel de defensor officioso do ministerio, contrastando por este modo com a sua antiga posição de deputado consciencioso e independente; porém não sei se haveria razão bastante para criminal-o, attendendo ás circunstancias difficeis e melindrosas da epocha, e á necessidade de consolidar a força nas mãos d'aquelles que estavam encarregados de levar, se era possivel, a não do estado a porto de salvamento.

Como quer que seja, os ultimos dias de maio, e a saída d'el-rei da capital para Villa Franca com as tropas da guarnição, puzeram termo á crise, anticipando um desfecho, que a situação politica da Europa tornára por então inevitavel.

Em taes termos era indispensavel ceder á tempestade. Não havia a minima probabilidade de resistencia, quando os elementos de força, destinados a sustentar a causa publica, eram os proprios que se levantavam para destruil-a. Xavier Monteiro havia terminado a sua missão. O seu pundonor não lhe permittia que ficasse exposto, quando menos, á humiliação de ter de abjurar perante os ministros do absolutismo os principios que acabava de defender com toda a elevação da sua alma. Indeciso da sorte que o esperava, julgou preferiveis os riscos e incommodos de uma emigração espontanea, ás perseguições que talvez lhe preparavam os servos do arbitrio. Dando, pois, á patria um adeus, que as circunstancias tornaram para elle eterno, embarcou-se a bordo do paquete britannico, e saiu da barra de Lisboa nos primeiros dias de junho (ou ainda no ultimo de maio, como alguns affirmam) demandando as praias hospitaleiras da livre Inglaterra. Com elle foram sua mulher e seis filhos menores, tendo por companheiros de viagem alguns outros deputados, que n'aquella conjunctura procuravam egual segurança contra o nebuloso futuro que os ameaçava.

XIV.

A sua residencia em Londres foi de curta duração. Em quanto outros distinctos emigrados, que impellidos por circunstancias identicas, tinham com elle demandado o mesmo asylo, taes como o ex-ministro da justiça José da Silva Carvalho, o ex-conselheiro d'estado Ferreira Borges, e os ex-deputados Margiochi e Ferreira de Moura, esperavam que novos eventos lhes abrissem as portas da patria, aguardando impacientes o momento de a ella voltarem sem risco, Xavier Monteiro tomou um partido mui diverso. Ou porque chegasse a descrer da possibilidade de ver tão cedo restauradas em Portugal as instituições liberaes, ou porque tivesse renunciado á idéa de mais

figurar nas lides politicas, determinou passar aos Estados-Unidos, com proposito de ahi estabelecer-se definitivamente, pondo no giro do commercio a sua pequena fortuna.

D'esta persuasão não poderam demovel-o as instancias dos seus companheiros de exilio. Tratou de realisar os fundos que deixára no banco de Lisboa, e concluidos os preparativos necessarios para a viagem, despediu-se a final dos amigos, e embarcou com toda a sua familia em Liverpool, a 19 de outubro de 1824, a bordo do navio William Byrnes, destinado para New-York. Ahi chegou, ao que parece, sem contratempo notavel.

São sobremaneira deficientes as memorias que de sua vida nos restam passada esta epocha; ainda que me consta que elle continuára a corresponder-se por cartas de longe em longe com alguns seus antigos amigos. Em tempo que não sei determinar precisamente, passou para Goochland, na Virginia, onde parece se estabeleceu como banqueiro, e diz-se que não fôra infeliz nas suas especulações.

Alheio de todo ás crises tormentosas por que Portugal passára nos annos subsequentes á sua emigração, e bem desviado sem duvida de tomar n'ellas parte activa, mal esperava elle que a sorte viria a deparar-lhe a opportunidade de singularisar-se por um rasgo de abnegação, pouco ordinaria em nossos tempos, e que cumpre não deixar no esquecimento.

Quando já não eram duvidosas as probabilidades do triumpho para as armas constitucionaes, bem que durasse ainda a lucta civil ateada por cinco annos successivos, isto é, nos principios de 1834, o duque de Bragança tratou de recompor o conselho d'estado; e por lembrança ou proposta (segundo se disse) do então ministro José da Silva Carvalho, resolveu nomear Xavier Monteiro para um dos logares de conselheiros. Esta escolha era tão honrosa, e capaz de lisongear o amor proprio de qualquer outro em quem recaísse, que ninguem ousaria esperar uma recusa. Foi portanto communicado ao agraciado o decreto da sua nomeação. Porém Xavier Monteiro tinha, doze annos antes, quando deputado em cortes, no mesmo paço das Necessidades, onde tal decreto se lavrára, votado contra a instituição do conselho, qualificando-a de inconstitucional, e de perigosa e nociva para as liberdades patrias. Na alternativa, pois, de acceitar o novo cargo com offensa das doutrinas que tão altamente propugnou, a sua resolução foi expedita e inabalavel. Agradecendo o despacho, rejeitou a nomeação. Honrada coherencia de principios, de que em mal temos visto depois tão raros exemplos!

A mesma independencia e rigidez de caracter, de que n'este caso deu prova, quereria elle ver por todos seguida, e não podia perdoar aos que d'ella se afastavam. Na propria occasião, ou pouco depois, recebeu a nova de que um seu velho amigo e collega nas cortes, onde com elle votára contra a segunda camara, e contra o conselho d'estado, acabava de ser nomeado conselheiro e par do reino, e entrára no exercicio das respectivas funcções. Não pôde conter-se, sem que para logo lhe dirigisse uma carta de parabens, ou antes uma exprobração amarga, na qual com palavras, cortezes sim, mas repassadas de ironia chistosa e pungente, lhe trazia á memoria os tempos preteritos, fazendo-lhe bem sentir a volubilidade do seu proceder.

XV.

O andamento que tomaram os negocios publicos de 1834 em diante, bem longe de corresponder á sua espectativa, fez-lhe perder de todo os desejos (se alguns concebêra) de voltar a Portugal. Para vermos o que elle pensava a este respeito, aproveitarei a faculdade de transcrever aqui o seguinte paragrapho de uma carta sua autographa, cuja communicação devo á bondade do meu obsequioso amigo o sr. J. C. de Figaniere. Foi escripta a seu irmão, quando esteve pela primeira vez encarregado de negocios nos Estados-Unidos (onde é hoje ministro residente), e tem a data de 6 de junho de 1838. Eis-aqui as palavras de Xavier Monteiro:

« Depois das ultimas noticias, de que v. me fez favor, só sei de Portugal (pelo pouco que a tal respeito dizem aqui as gazetas) que a rainha acceitou a constituição, e as cortes se dissolveram. Ora isto são boas noticias, assim os que estão de cima não temessem ir abaixo, e os que estão debaixo não trabalhassem ardentemente por ir para cima, e uns e outros se não julgassem pelo menos os maiores homens d'estado que tem existido; embora os factos digam outra cousa! Não parece, pois, provavel que as tregoas sejam de muita duração, o que é certamente muito penoso para todos aquelles que, como nós, só desejam a ordem e prosperidade da terra onde nascemos.....»

Segundo o que pude apurar, Xavier Monteiro terminou seus dias em Goochland, por fins de 1854, ou nos principios do anno seguinte. Diz-se que seus filhos se naturalisaram cidadãos americanos, e que um d'elles, tendo-se dedicado á profissão naval, serve honradamente a republica, na qualidade de official de marinha.

INNOCENCIO FRANCISCO DA SILVA.

RECTIFICAÇÃO.

Apesar do cuidado que costuma haver na revisão das provas, escaparam comtudo no artigo precedente, a pag. 350 columna 2.ª, algumas incorrecções notaveis, que, por transtornarem o sentido, pareceu conveniente accusar aqui.

Na linha 8 imprimiu-se « disfarçar-se » devendo ser « desforçar-se »; e na linha 35 acha-se « mania » em logar de « maneira ».

No hymno que começa na linha 37 omittiu-se de todo o quinto verso da estancia quinta, que é:

Da amizade nos braços tinha em pouco

Ahi mesmo, no verso terceiro cumpre ler « Dejanira » em vez de « Dejanra ».

REINADO DE D. PEDRO II.

(Fragmentos).

CORTE DE PORTUGAL EM 1692.

(Conclusão).

João da Silva estava retirado de todo o commercio da corte, e entregue á devoção. Outr'ora fôra cabo de guerra e dos mais habeis commandantes contra os hespanhoes do tempo no marechal de Schomberg. Ambos faziam muita confiança um do outro. Depois tinham-se em Lisboa tratado mui familiarmente; mas quando João da Silva viu o marechal tão obstinado no que chamava heresia, irritou-se contra elle. Fallava francez. Nunca lhe quizeram dar titulo de conde, nem outro, porque diziam que tinha alguma cousa de christão novo. Foi talvez o que o obrigára a retirar-se. Não obstante era estimado pelo rei, e n'uma guerra inda podia servir bem. Do par-

tido francez, tinha feito sempre guerra aos hespanhoes. Andava e vivia com muita simplicidade.

José de Faria era enviado em Hespanha, e homem probo. Na mesma qualidade estivera por muito tempo em Inglaterra. Fallava francez mui bem. Não obstante estar em Madrid, era mais francez que hespanhol.

D. José de Menezes, estribeiro-mór do rei, honesto, mas muito moço, inda não tinha parte nos negocios.

D. Lourenço d'Alencastro era irmão de D. João d'Alencastro, e parente do cardeal. Bom caracter, e um dos vedores da rainha, nem por isso entrava em cousa alguma.

Manoel Galvão estava sempre com o rei, que o tratava com muita consideração. Todos o queriam attrahir ao seu partido, ou fosse para terem por elle noticias do que ía pelas regiões politicas, ou para por seu conducto fazerem insinuações ao rei ou aos ministros. Ao que se dizia, inclinava-se ao partido da França; sua mulher era franceza de uma nobre familia da Picardia, e viera em companhia da fallecida rainha, que a casára com elle. Fiava-se muito n'ella, e por isso lhe communicava tudo o que se passava. O partido francez punha confiança nos avisos d'esta sua compatriota. O cardeal d'Estrées conhecia-a muito, e porque lhe podia ser util em Roma para a collocação de algum de seus filhos, contavam prendel-a por este lado. Um dos filhos d'esta dama, solteiro e de 19 para 20 annos, estudára em Paris no collegio dos jesuitas. Tinha ainda uma irmã no paço, que servíra a fallecida rainha e a infanta, mas que nada sabia agora, e de nada podia servir.

D. Marcos de Noronha era pessoa de bem, e servia de introductor aos embaixadores. Suppunham-no mui inclinado á França.

Mendo de Foyos Pereira era secretario d'estado. Com elle se entendiam os ministros das cortes estrangeiras: a elle se dirigiam para obterem audiencias do rei, e para lhe transmittirem o que desejavam. Todas as manhãs estava pontualmente na secretaria. Assistia a todos os conselhos d'estado, onde o rei quasi nunca apparecia. N'elles propunha os negocios, e lia todas as semanas as cartas dos ministros estrangeiros, relatando depois ao rei os votos dos conselheiros, que eram, como se tem dito, o inquisidor mór cardeal d'Alencastro, o arcebispo de Lisboa, o duque de Cadaval, o marquez d'Arronches irmão do arcebispo, o marquez d'Alegrete, o conde da Ericeira, o conde d'Alvor, que fôra vice-rei da India, o conde de Val-de-Reis, etc.

Este secretario d'estado Mendo de Foyos fôra embaixador de Portugal em Madrid, onde conhecêra muito o conde de Oropesa, com o qual mantinha correspondencia, o que fôra uma das razões por que se dissera que o conde incorrêra no desagrado do rei de Hespanha.

De resto, Mendo de Foyos era honesto, civil, facil no trato, e muito moderado. N'esta epocha não parecia amigo dos hespanhoes, pelo modo por que fallava. Conhecia-os e ao seu governo, porque estivera muito tempo em Madrid. Mostrava-se amigo dos francezes, mas mais que tudo parecia bom portuguez, que respeitava os interesses do seu paiz. Não procurava os embaixadores senão quando ía da parte do rei. Não tinha titulo, mas davam-lhe senhoria quando lhe fallavam, menos os conselheiros d'estado e os grandes do reino. Com elle é que se tratava sobre quaesquer differenças ou queixas dos estrangeiros. Tinha boas relações, e era obrigado a manter correspondencia com o cardeal d'Estrées em Roma, pelo que o partido francez se applaudia, e sobre isso contava. Andava sempre bem instruido nos negocios da Europa, porque era a elle e não ao rei, que os enviados que Portugal tinha em França, em Hespanha, em Inglaterra, na Hollanda, e em Roma, remettiam despachos em que davam boa conta de quanto se passava, maximè nas cortes onde residiam.

Pedro de Figueiredo era um fidalgo que tinha espirito, e muito decoro. Inclinado ao rei de Inglaterra, de quem fôra conhecido, e em cujo partido lá servíra, voltando a Portugal offerecêra-se mesmo para organisar um regimento, e ir com elle soccorrer a Irlanda. Fallava bem francez; e novo, como ainda era, era capaz de tomar parte em negocios graves. Escrevia-se com o duque de Gramont, governador de Bayonna, e desejára muito que a infanta fosse para França. O rei estimava-o, inda que não tivesse cargo que lhe désse accesso ao pé do throno. Mui amigo do joven marquez d'Arronches, confiavam que nem por isso lhe descobriria segredos. Amava o estudo da historia e das lettras.

Roque da Costa fôra governador do Brasil. Probo, curioso de novidades, sabia o que ía pela Europa, e com isso se entretinha. Propendia mais para o lado da França. Era intimo amigo do marquez de Alegrete, e communicava-lhe quanto sabia. Entendia mui bem francez.

Roque Monteiro, desembargador, gozava de grande credito junto ao rei, que o consultava, e seguia seus pareceres. Tambem tinha influencia no espirito da rainha, de quem seu irmão era secretario. Sabia o que occorria, mas era reservado; todo portuguez, e todo do rei.

Simão de Sousa estava em Londres na qualidade de enviado. Homem honesto, que parecia affeiçoado á França, ao partido e á pessoa do rei Jacques, era irmão do padre Magalhães, superior da casa professa dos jesuitas.

Ja váe prolixa a relação.

Concluamos.

Entre os personagens que compunham ou deviam compor a corte, poucos se avantajavam em independencia, conhecimentos ou verdadeira importancia politica. Era uma corte timorata ou irresoluta, sem pensamento nem norte. Vivia a vida dos fracos, á mercê da tolerancia dos fortes. O rei não era, por isso mesmo, menos tolerante com os que o cercavam. O seu caracter tinha reflectido nos outros: a conspiração era impossivel de nenhuma parte. D'ahi essa como indulgencia do throno, havida com as opiniões dos cortezãos. Havia partidos, mas sem organisação, sem calor, sem estimulos, sem grandes interesses mesmo. Que fariam homens de pouco prestimo, e de muito menor heroismo? Que fariam os que não tinham nem influencia nem parte na acção governativa? Que fariam os dependentes da corôa, temerosos das contingencias?

Alliança com Hespanha? Alliança com a França? Tal era a principal causa da agitação dos animos, se agitação se podia chamar ao que se passava então, áquella situação anomala e indefinida, que as instituições, e a marcha do governo escudavam e mantinham.

As parcialidades recenseavam-se: as cabeças e as amizades, e as dependencias, contavam-se, e ahi ficava tudo! Era um como adormecimento, que, se se prolongasse por muito mais tempo, nos teria sido funesto.

Assim estavam as cousas e os espiritos na nossa corte em 1692.

JOSÉ DE TORRES.

Perguntae a um humanista qual dos dois auctores prefere — Cicero ou Tacito — e podereis conhecer pela resposta a elevação e medida do seu espirito.

(POPPFER).

O MANNEKEN-PISS.

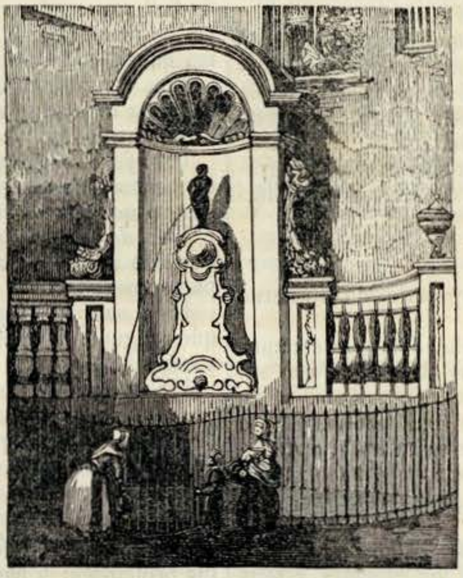
O *Manneken-piss* é uma singular curiosidade, e um monumento de Bruxellas. Estatueta de rapaz, principal ornamento da fonte que está no angulo que formam as ruas de Etune e de Chêne, foi fundida em bronze por um modelo de Duquesnoy, e posta alli em 1619, em logar d'uma de pedra que lá existia desde tempo immemorial.

São muitos os contos absurdos que o vulgo repete ácerca d'esta pequena impudicicia artistica, que consideram o palladium da cidade.

O *Manneken* tem sido roubado muitas vezes, mas sempre descoberto e reconquistado. Muitos soberanos, para se insinuarem no espirito dos bruxellenses, lisonjearam-lhes este ridiculo preconceito. O eleitor de Baviera, governador dos Paizes-Baixos, fez o manequim seu camarista em 1698; Luiz XV deu-lhe a cruz de S. Luiz em 1747; José II condecorou-o; o archiduque Maximiliano e outros principes tem-lhe dado ricos vestuarios. E não ficam aqui as suas distincções e condecorações: é tambem granadeiro da guarda, official da guarda nacional, etc. etc., muito mais que o nosso S. Jorge do castello de Lisboa!

Em certos dias de gala vestem-no da cabeça até aos pés; põem-lhe a espada á cinta, e as condecorações ao pescoço, magestosos adornos que ainda assim não dispensam a pequena estatua de dois pés d'altura da obrigação de deitar de si um fio d'agua por modo mui natural, mas que podia ser mais decente... Então folga todo o bairro, e os transeuntes riem a bandeiras despregadas diante da figura sem ceremonia do cognominado mais antigo burguez de Bruxellas!

Dizem que ha alli um homem pago para o *servir*. Ouvimol-o, mas não o affirmâmos.



O Manneken-Piss.

A MULHER

NAS DIVERSAS RELAÇÕES DA FAMILIA E DA SOCIEDADE.

(Paginas vertidas dos *Apontamentos para um Livro*, de D. Severo Catalina.)

XII.

AS REUNIÕES.

I.

Ha espectaculos gratuitos, onde principalmente representam as mulheres.

Outros ha, porém, de homens só, que, segundo a diversidade de casos, se chamam academias, gremios e assembléas, e não entram para cousa alguma n'estes *Apontamentos*.

Esses espectaculos vem a ser a degeneração da especie.

O primeiro de que dá razão a historia, remonta-se ao Paraiso.

Aquelle espectaculo que se celebrou á sombra da arvore da vida, deu de si consequencias que se tem perpetuado através dos seculos e das gerações.

Quasi todos os posteriores espectaculos d'esse genero hão tido tambem as suas consequencias.

Se a invenção de similhante recurso social podesse attribuir-se a um homem, elevar-lhe-hia o amor estatuas; e talvez o proprio amor se encarregasse tambem de as derrubar.

Porque as reuniões são o ceo, o purgatorio, e o inferno do amor.

Não ha duas reuniões que se pareçam absolutamente; porém tão pouco ha duas que dissimilhem de modo essencial.

No *raout*, na *soirée*, e em a mais modesta das *reuniões*, identicos são os actores, e quasi identicas as scenas; diversificam as decorações, os vestuarios e as horas.

Houve tempo em que, para conquistar o carinho de uma beldade, era preciso mostrar galhardia n'um torneio, manejar com primor todas as armas, e deixar estendidos na arena tres ou quatro adversarios.

Quer dizer, que então cada cavalleiro ganhava *por seus punhos* o amor.

Parece fabula; porém existem essas justas, essas armas, e os mesmos adversarios: unicamente foi supprimida a questão dos *punhos*.

Ás liças substituiram os salões; ás armas de aço,

o aço das linguas; aos triumphos do valor, as victorias da galanteria e do talento.

As reuniões vem a ser hoje uma especie de *praça de commercio* do amor.

N'ellas cada qual váe ao seu negocio.

N'ellas, como na bolsa dos fundos publicos, abunda o *papel*.

Este papel costuma ser de côr de rosa, ou verde, nos centros de modistas e de estudantes.

Costuma ser *papel* de outra especie, quando se trata de bellezas mais altivas.

Costuma ser *papel* ridiculo, quando o auctorisa uma firma que não corre na praça do amor.

Em todos os casos, similhantes papeis são de difficilima cotação.

Na praça do commercio do amor existem, como é natural, os *agios* e os *juros*.

Não faltam jogadores que se afadiguem por uma *prima*, e ha-os tambem que buscam a quem *endossar* algum documento de giro, cujo valor no mercado está em baixa.

N'uma cousa se parecem todos; no seu carinho aos *vales*, e na sua affeição aos *titulos*.

Os *bilhetes* diversificam muito de estima, segundo o banco que os emitte, e o portador em quem param. Para entrar com fructo na praça do commercio do amor, são indispensaveis muita fortuna, e grande conhecimento da *partida dobrada*.

Do contrario, o capital do coração expõe-se a graves quebras. E se uma vez se declara fallido, difficilmente póde rehabilitar-se.

II.

As reuniões são o ceo, o purgatorio, ou o inferno do amor.

Para as almas que se comprehendem e se communicam no mysterioso idioma dos olhos, e vivem alli uma para a outra, enlevados os pensamentos como o estão os corações, o salão é um transumpto do eden; a atmosphera que n'elle reina inebria de felicidade; todas as vozes parecem sympathicas; todas as conversações são agradaveis, porque nenhuma se ouve.

Para o amor suspeitoso e dessocegado, que vê perigos em toda a parte, que sonha infidelidades, é purgatorio o salão: as horas passam com tardança; todas as vozes são *ruido*, todas as conversações são indifferentes.

Para o amor zelante ou desestimado, que acha angustia em todo o logar; que não *sonha*, porém *sente* a realidade do seu infortunio, o salão é um inferno; todas as vozes são alarido que o estonteiam, todas as conversações lhe são insoffriveis. Cruel sociedade, que obriga a sorrir quando derrama lagrimas de fogo o coração!

Para uma multidão de mães de familia e de concorrentes *desinteressados*, o salão vem a ser o *limbo*.

Se tiverem de apreciar-se devidamente todas as circunstancias e pormenores dos espectaculos gratuitos que se chamam reuniões, é conveniente fazer parte dos sobreditos moradores do *limbo*.

Não quer isto dizer que o escriptor deva ser mãe de familia; basta-lhe modestamente ser um espectador *desinteressado;* isto é, ser um espectador que *não toma cartas* no jogo.

Um espectador d'essa natureza revela desde logo condições e caracteres, que são communs a todas as reuniões; e accidentes particulares, externos, que, por assim dizer, as separam e as distinguem.

Procedamos com methodo.

III.

Em todas as reuniões, da especie das que tratâmos, ha mulheres.

Em todas as reuniões as mulheres recebem-se e despedem-se entre si com uma salva de beijos.

> Esos besos de mujer
> tienen mucho que entender;

ou, antes, nada tem que entender, porque não significam cousa alguma; demasiado conhecido é de todos, ainda que não o tivesse dito um escriptor de nota, que duas mulheres podem estreitar-se cordialmente entre os seus braços, e aborrecerem-se, comtudo, com a mais profunda cordialidade.

A mulher que tem os olhos fitos em determinada pessoa, ou que procura com estudo desvial-os sempre d'ella, dá direito e occasião a identico juizo.

Deixâmos a La Bruyère a responsabilidade da precedente observação.

Assim como descarregâmos sobre Affonso Karr, parte do peso da observação que segue.

Quando umas mulheres fallam de outras em publico, deve-se ter em conta a propriedade do seu vocabulario.

Para ellas, uma mulher *bem formada* é a negação da belleza, e talvez da figura; applicam de ordinario tal denominação ás bexiguentas, ou pouco felizes em olhos, bocca ou cabello.

Uma *boa senhora* suppõe edade mais que regular, grossura mais que mediana, e paralysia de entendimento menos que toleravel.

Uma *joven engraçada* é commummente uma creatura quasi microscopica, que se recommenda só pelo sorriso ou pelo olhar.

Uma *dama finissima* costuma ser uma desditosa, que não sairia á rua, se consultasse o espelho imparcialmente.

Uma *senhora amabilissima:* ahi está uma fineza que ninguem deve desejar para sua esposa nem para sua irmã.

Uma *excellente pessoa:* esta phrase affirma Affonso Karr que não se atreve a traduzir; livre-nos Deus de tentar empreza que Affonso Karr julga insuperavel, ou, pelo menos, difficil, ou *inconveniente*.

IV.

Em toda a reunião devem distinguir-se duas partes principaes: a base, digamol-o assim, o imo e a sociedade fluctuante, as camadas que se vão adherindo no transcurso das horas e em dias determinados.

A secção *base* costuma murmurar á primeira hora da secção *fluctuante;* depois soem vir maledicas consonancias de ambas as secções.

Tratando-se da murmuração, existem alguns erros que é conveniente rectificar.

Não ha elogio mais discreto para a mulher que se ama, do que deprimir o merito de outras mulheres, principalmente se na realidade o tem.

É esta uma opinião em que todos estão concordes; porém tal unanimidade não se oppõe a que a opinião seja inexacta.

E é-o com effeito.

A mulher que se ama póde ser discreta ou póde não sêl-o.

No primeiro caso, as offensas dirigidas ás outras mulheres sómente lhe mostram que ha homens capazes de offender o sexo fragil, capazes de mandar a vaidade por intermediaria para conseguir os seus intentos. E quem tem que excitar uma paixão para conseguir um affecto, dá fraquissima idéa dos proprios meritos.

No segundo caso, se a mulher não é discreta, é inutil o artificio; porque, ou não comprehenderá a intenção do que murmura, ou acreditará de boa fé, como simples verdade historica, as apreciações que ouviu.

De todas as fórmas, a indulgencia que produza n'uma mulher a enumeração das faltas que outra tem, não é um passo adiantado para a interessar em proveito de quem as enumera.

Uma peça de musica é agradavel, se é boa, ainda que venha das mãos de um giboso; a harmonia do instrumento póde causar enthusiasmo, e repugnancia a figura do que tange o instrumento.

Não se deslumbrem d'este simile os que propõem chegar á conquista de uma belleza sobre as ruinas de outras bellezas ausentes.

Outra observação. Similhante proceder descobre cobardia; e as mulheres de talento riem-se dos cobardes.

V.

Todas as reuniões se parecem entre si: no salão aristocratico que deslumbra, e na modesta sala intima que consola e alegra, as mesmas intrigas, os mesmos recursos, identicos incidentes

Em toda a parte ha mulheres distrahidas; em todo o logar tem applicação o conselho de um escriptor, que disse: «desconfiae da mulher distrahida; é um lynce que vos observa.»

Em todo o sitio existe o seu paraiso, o seu purgatorio, o seu inferno, e até o seu limbo.

As reuniões vem a ser o grande gymnasio da galanteria.

A galanteria divide-se em natural e artificial.

A primeira não se aprende; a segunda está escripta nos manuaes *de civilidade, do homem fino, segundo as exigencias da occasião*, etc. etc.

A primeira consiste em não fazer nem dizer nada inconveniente; a segunda consiste em não ter inconveniente para dizer e fazer tudo o que nos sobreditos livros diz que se acha escripto.

A galanteria de boa lei diz o que pensa; a galanteria artificial pensa o que diz.

Na primeira poderá o homem expor-se a parecer actor; na segunda inutilmente quer o actor apparentar a naturalidade do homem.

As mulheres de talento distinguem estes dois generos de galanteria, como distinguem nos bazares o ouro fino do falso, e a esmeralda do vidro verde.

Succede amiudadas vezes que as phrases de galanteria se utilisam para escusar acções mais ou menos acceitaveis no *bom tom;* e, n'este caso, a galanteria não é nem mais nem menos do que uma impolitica *agradavel*, ou, — talvez seja melhor, — um pedaço de carvão engastado em preciosas filigranas.

— «Minha senhora, o cheiro do tabaco incommoda a v. ex.ª?» — perguntava em certa occasião a uma dama de alto-porte, certo companheiro de viagem, que se preparava para fumar.

Eis-ahi um bom rasgo de galanteria para o commum das gentes.

— «Ignoro, senhor, se me incommoda, porque ainda ninguem fumou na minha presença» — respondeu a dama de alto-porte ao companheiro de viagem, que se preparava para fumar.

Eis-ahi um epigramma capaz de emmurchecer todas as flores tocadas pelo vento da vaidade nos espaços imaginarios da pseudo-galanteria.

Entre todas as sciencias *sociaes*, a galanteria é a sciencia mais essencialmente difficil.

VI.

A musica e o baile são ordinariamente duas veias principaes da grande mina que se chama *reunião*.

A respeito do baile, não temos cousa alguma a acrescentar ao que expozemos n'outro logar.

A respeito da musica, note-se que, longe de reputal-a o *menos desagradavel dos ruidos*, como contam que a reputava Napoleão, temol-a por um *ruido* utilissimo em determinadas circunstancias.

Mil vezes a musica terrestre, arrancada ao piano por uns dedos de anjo, evita a *musica celestial* arrancada á insipidez pelos requebros.

Mil outras vezes nas dulcisonas melodias do instrumento derrama torrentes de ternura a alma apaixonáda; raudaes de ternura, que vão, através da multitude, inundar o coração do mais silencioso dos concorrentes.

Felizes os que d'est'arte sabem e logram comprehender-se! Felizes os que na linguagem arrebatadora da harmonia, podem gozar do seu *segredo*.

É observação constante: uma mulher enamorada toca e canta de modo singular; não é tarefa facil de descrever em que consiste este modo singular; porém, o ouvido menos pratico distingue-o; o coração mais duro percebe a sua influencia; e é porque, como disse Balsac, o amor será sempre a mais grata e commovedora de todas as melodias.

O sentimento ingenito d'esta verdade está gravado no fundo da alma.

Antigamente figurava entre os recursos da sociedade a innocencia *das prendas*.

No azar *das prendas* costumavam *prender-se* mais de quatro vontades. E occasiões havia, a julgar pelas historias, em que era o coração a prenda que se entregava, e em que de proposito se delinquia pelo prazer de submetter-se á sentença.

Os nossos respeitaveis avoengos, que eram pessoas de tantas e taes *prendas*, legaram-nos com as *prendas* de seus jogos, a maneira de deformar os seus innocentes *jogos de prendas*.

VII.

Ha em todas as reuniões um incidente commum, que tem grande importancia; maior ainda que a entrada de um membro novo em tal ou qual academia; referimo-nos á entrada de um novo concorrente.

Este acto solemne chama-se *apresentação*.

A *apresentação* traz comsigo mais ou menos formulas, é ou não precedida do annuncio official, segundo os gráos a que suba em cada recinto o thermometro do *bom tom*.

Paizes ha na Europa em que duas pessoas, que não tem sido reciprocamente *apresentadas*, vêem-se um anno, dois, e dez, e não chegam nem ao umbral siquer da amizade.

O baptismo da amizade não se adquire alli senão por meio da *apresentação*.

Em Hespanha quasi todas as *apresentações* são meramente *officiaes*, são o cumprimento de uma ceremonia prescripta no ritual da sociedade.

Succede com frequencia que o *apresentado* costuma ter com algum individuo da reunião aonde o apresentam, mais profundas sympathias do que o ingenuo *apresentante*.

N'estes casos, as *apresentações* são uma invenção semi-diabolica da astucia contra a vigilancia.

Não é necessario possuir um talento fóra do commum para conhecer desde logo quaes apresentações são um giro á vista *de valor entendido*, e quaes são as apresentações inoffensivas, aquellas que só podem produzir o resultado de: *mais um conhecido*.

Como quer que seja, a *apresentação* de um concorrente, preoccupa todos em sentido mui diverso.

Ha amantes *felizes* que a temem.

Há corações *sensiveis* que a desejam.

Tal é o mundo!!

(Continúa).

BRITO ARANHA.

CATHEDRAL DE S. PAULO EM LONDRES.

Ao segundo seculo da era christã remonta a fundação d'esta egreja, que experimentou as vicissitudes dos tempos, e passou por muitas transformações até chegar á sua fórma actual.

O terrivel incendio de 1666 reduzíra a cinzas este grande templo, quando, depois das guerras civis, se preparavam para lhe reparar os estragos que soffrêra, restituindo-o ao seu verdadeiro destino, depois das não pequenas profanações por que passára.

Assentou-se em que se construiria nova egreja, se não superior, ao menos egual á antecedente, em grandeza e magnificencia. Abriu-se para isso uma subscripção, e lançou-se um imposto sobre o carvão. As liberalidades do rei completaram dentro em pouco o que era preciso para a obra, cuja execução foi confiada ao celebre Christovão Wren.

A primeira pedra foi assente no 1.º de junho de 1675, e o edificio acabado em 1710, á excepção de alguns ornamentos, que só terminaram em 1723.

Os muros são cercados de duas ordens de duplas columnas; a ordem inferior corinthia, a superior composita. A fachada principal a oeste tem um portico coroado por um frontão, e aos dois lados duas torres de architectura elegante, mas um pouco pretenciosa.



Cathedral de S. Paulo em Londres.

O aspecto d'esta egreja é verdadeiramente magestoso. A belleza do portico e do frontão, as duas torres que os acompanham, o enorme zimborio que se levanta por detraz, a vastidão do edificio, a nobreza e magestade da sua architectura, tudo surprehende e admira quando, indo do lado de Ludgate, descobrimos na nossa frente este soberbo monumento. Doze columnas corinthias, e sobre ellas mais oito compositas sustentam o portico. As columnas são dobradas e caneladas. As da ordem superior sustentam o frontispicio, decorado por um baixo relevo que representa a conversão de S. Paulo, e rematado por tres estatuas colossaes de bellas proporções, de S. Pedro, S. Paulo, e S. Thiago. Dos lados das torres estão os quatro evangelistas com os emblemas que os caracterisam. Dos lados do norte e do sul tem outros frontispicios. Na extremidade da egreja, opposta á fachada principal, as paredes tomam fórma circular para accommodar interiormente o altar e o sanctuario.

Grandes são as dimensões e a magestade do zimborio que coroa o centro do edificio! A sua base começa vinte e cinco pés acima do tecto do templo. Dando-se-lhe esta elevação, quiz-se evitar o defeito do de S. Pedro em Roma, que em parte está escondido pela fachada; mas caiu-se no inconveniente de ficar o de S. Paulo fóra das proporções do edificio, e parecer mais torre, que zimborio, fazendo o templo mais baixo do que na realidade é. No cimo do zimborio ha uma varanda, no meio da qual se eleva uma lanterna ornada de columnas corinthias. Termina-a um globo dourado, e sobre elle uma cruz tambem dourada, que está n'uma altura prodigiosa.

Tal é o plano d'este templo, um dos mais bellos do mundo, mas que não tem nem a extensão, nem a magestade, nem a magnificencia de S. Pedro de Roma.

O interior não corresponde ao exterior; é uma abobada immensa, quasi de todo nua. Arcadas sustentadas por enormes pilares separam a nave das duas alas. Nada mais pesado e mais massiço que estes pilares flanqueados de columnas e pilastras das ordens corinthia e composita.

O coro tem sessenta cadeiras, sem contar o throno do bispo, e o assento do lord mayor. As balaustradas que o separam da nave são de ferro e de trabalho precioso; mas o recinto é geralmente mesquinho. O seu aspecto gothico é de mão effeito no meio da nobre architectura que o cerca. O pavimento da egreja é de marmore, em quadrados alternadamente brancos e pretos. Perto do altar, que é ornado de quatro columnas caneladas, pintadas e douradas, tudo é marmore e porphyro.

Os defeitos d'este edificio não se devem attribuir ao architecto, mas aos entraves de toda a especie que lhe encadearam o genio.

Se a cathedral de Londres não foi construida por um plano mais simples, mais regular, e ao mesmo tempo mais bello, é porque nem sempre o genio é senhor de executar o que sabe conceber.

Trinta e cinco annos bastaram para a construcção d'esta egreja. Começada em 21 de junho de 1675, a pedra mais alta da lanterna foi-lhe posta em 1710 pelo filho de Wren. Construiu-a um unico architecto, um unico pedreiro (Strong), e na vida de um unico bispo de Londres (Henrique Compton). S. Pedro de Roma levou cento e trinta e cinco annos a construir; teve doze architectos; e abrangeu o reinado de dezenove papas.

A proporção d'estes dois edificios avalia-se como a de dois para tres. Altura, pés 340:430. Comprimento e largura, pés 500 e 180:729 e 364.

A cathedral de S. Paulo de Londres tem 2:292 pés de circumferencia, e custou 1:200:000 libras sterlinas, ou 5:400 contos de réis.

ENIGMA.

EUEUEU
EU
EU
EU
EUEU
EU
EU
EU
EUEUEU

Explicação do enigma do numero antecedente.

Ha trastes que se parecem com o dono.

LISBOA — Typographia de Castro & Irmão, Rua da Boa-Vista 4 F